

## A Construção de Sentidos Sobre a Violência Doméstica: Um Estudo Com Crianças

\*Daniela Emilena Santiago

\*\*Olga Ceciliato Mattioli

\*Assistente Social graduada pela UEL, Especialista em Violência Doméstica pela USP e Mestre em Psicologia pela UNESP de Assis.

\*\*Psicóloga, Mestre em Psicologia e Doutora em Educação. é professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Unesp de Assis.

### Resumo:

Este trabalho, de natureza teórico-empírica, buscou compreender o sentido construído por crianças vítimas sobre a violência doméstica. Visando abarcar como ocorre a construção de sentidos se fez necessária uma compreensão acerca do desenvolvimento psíquico, e para tal recorreu-se à Perspectiva de análise Sócio-Histórica, preconizada por autores como Vigotski, Luria e Leontiev. Tal corrente postula que a realidade concreta na qual a criança está inserida colabora no sentido de definir a formação de seu psiquismo.

Metodologicamente, a pesquisa se desenvolveu através de entrevistas com crianças vítimas, além da utilização de diário de campo. Constatou-se que a criança compreendeu que a violência doméstica é apenas uma forma de educação, que é algo natural e ainda que foi merecida.

**Palavras-chave:** Construção de Sentidos; Violência Doméstica; Crianças

### Abstract:

This paper, a theoretical and empirical, we understand the meaning constructed by child victims of domestic violence. Aiming to cover like the construction of meaning was a need for understanding about the psychological development, and it does this perspective of the socio-historical analysis, as recommended by authors such as Vygotsky, Luria and Leontiev. This posits that the current reality in which the child is inserted works to define the formation of his psyche. Methodologically, the research was developed through interviews with child victims, in addition to daily use of the field. It appeared that the child understood that domestic violence is only a form of education, which is something natural and that was deserved.

**Key-words:** Construction of Meanings; Domestic Violence; Children

### Introdução:

Esse texto traz a tona a discussão acerca do sentido construído por crianças vítimas de violência doméstica. Para a apreensão do objeto de estudo foram realizadas entrevistas junto a duas crianças vítimas de violência doméstica física, negligência e psicológica e além da realização da entrevista, foi utilizado também diário de campo, onde constavam anotações sobre a situação de violência doméstica a que tinham sido submetidas as crianças em questão<sup>1</sup>. A pesquisa<sup>2</sup> foi realizada no município de Quatá – SP, e os principais resultados obtidos a partir da realização da pesquisa serão apresentados nesse texto.

---

<sup>1</sup> O diário de campo foi elaborado durante o período de 2005 a 2007, quando Daniela Emilena Santiago realizou acompanhamento assistencial junto as crianças devido a situação de violência doméstica vivenciada. Essa atuação enquanto Assistente Social foi desempenhada junto a rede de educação municipal em Quatá – SP. Durante a elaboração da dissertação de mestrado recorreu-se ao diário de campo em questão onde foram

Isso posto, o texto será iniciado com a apresentação das crianças sujeitos da pesquisa. Esse item foi elaborado para que o leitor tenha conhecimento sobre a violência doméstica a que foram submetidas as crianças, além de informações sobre a constituição familiar. Dando seguimento, serão destacadas informações acerca do desenvolvimento do psiquismo e da construção de sentidos pela criança.

## **1. As Crianças e a Violência Doméstica:**

Dando seguimento as colocações acima arroladas, nesse item, serão apresentadas, de forma sucinta, as informações sobre os sujeitos da pesquisa, além da vivência da violência doméstica. Será iniciado com a exposição da vivência de Abelardo, para em seguida ser enfatizada a vivência de Rogério<sup>3</sup>.

### **A História de Abelardo:**

Para que seja possível compreender a história de Abelardo, é preciso, antes de mais nada, conhecer a sua família. A família de Abelardo é composta por seu pai biológico, Ulisses, de 30 anos de idade, pela sua avó Ivana, 55 anos, e por seu tio Adolfo, com 28 anos de idade. Abelardo, quando criança, foi abandonado por sua mãe biológica. Foi criado por sua avó, a Sra. Ivana, e seu pai, Ulisses.

Abelardo foi acompanhado pelo Assistente Social, também autora deste trabalho, durante os anos de 2005, 2006, um período de 2007 e alguns meses de 2008, em virtude da violência doméstica a que a criança fora submetida constantemente. Foi a partir do registro das informações provenientes desse acompanhamento que se tornou possível a elaboração do diário de campo contendo informações sobre a criança. Foram realizadas ainda duas entrevistas e na ocasião, Abelardo estava com 10 anos de idade. A entrevista retomou com a criança situações de violência doméstica, as quais Abelardo foi subjugado.

Abelardo, conforme já se frisou, fora abandonado por sua mãe biológica e educado pela avó e pelo pai biológico. Por isso, a história de violência doméstica na vida da criança já começa pelo abandono de sua mãe e por sua negligência em não procurá-lo mais. A mãe de Abelardo lhe escreveu uma única carta, na vida, quando a criança estava com oito anos, nunca mais tendo manifestado interesse em relação ao filho. Além dessa violência, Abelardo sofreu outras mais, de natureza física, de negligência e sobretudo a psicológica. Violências que foram impetradas à criança pela avó e pelo pai.

Partindo do acompanhamento assistencial realizado nos anos em questão, foi possível constatar que Abelardo sempre apanhava de sua avó ou de seu pai, quando cometia algum ato reprovado socialmente, seja na escola, seja no ambiente doméstico. Assim, quando roubou sua avó, apanhou do seu pai e ainda ficou trancado em um quarto escuro, sem falar com ninguém e sem comer. A criança relatou ainda, em entrevista que o pai chegava a colocar anéis nos dedos para agredi-lo e assim potencializar a dor sentida. Depois, quando apanhou na

---

encontradas as informações sobre a violência doméstica a que as crianças foram submetidas. Já as entrevistas foram realizadas em período posterior, apenas com a finalidade de identificar o sentido que as crianças construíram sobre a violência vivenciada.

<sup>2</sup> Pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Mestrado) da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

<sup>3</sup> Os nomes utilizados são fictícios.

escola, apanhou também em casa, novamente de seu pai. E, por fim, quando não foi à aula de reforço para andar de bicicleta, apanhou de novo, dessa vez de sua avó. A criança contou ainda, em entrevista, que chegou a apanhar do seu pai, certo dia, porque dissera a ele que estava com dor na perna. Como o pai supôs que foi mentira da criança, agrediu Abelardo fisicamente.

As agressões eram carregadas de muita violência. A criança sempre apanhava com a cinta ou com varas de amora. O pai de Abelardo sempre usava a cinta e sua avó preferia as varas, que arrancava nos quintais de vizinhos. Ulisses sempre que agredia Abelardo usava o termo “filho do cão”; já Ivana obrigava a criança a não chorar, durante as agressões, exercendo assim a violência psicológica por meio das palavras.

Além da violência física e psicológica, a criança era negligenciada em suas necessidades fisiológicas, sendo que ficava sem comer, alimentando-se de danones e produtos desse gênero, quando retornava da escola. A sua avó raramente deixava alimentos preparados para a criança almoçar. A negligência realizava-se igualmente no sentido de não se interessar pelo paradeiro da criança, sendo que, em determinadas ocasiões, Abelardo ficava perambulando pelas ruas do bairro onde mora, durante as tardes e mesmo durante as noites, exposto a toda uma sorte de perigos.

As situações descritas acima foram retomadas quando realizadas as entrevistas com a finalidade de identificar o sentido atribuído por Abelardo em relação a tal vivência.

### **A História de Rogério:**

Rogério é uma criança que, na ocasião da entrevista, estava com 12 anos de idade, mas o seu acompanhamento assistencial havia iniciado quando ele tinha 10 anos de idade e cursava a 3ª. série do Ensino Fundamental, durante o segundo semestre do ano de 2006, perdurando aproximadamente até o mês de fevereiro de 2007. Foi retomado, entretanto, em meados de 2008, no mês de março. Também como se procedeu com Abelardo, as informações resultantes desse acompanhamento foram registradas em diário de campo e utilizadas para compor um diagnóstico sobre a criança, a vivência da violência doméstica e a composição familiar.

O caso de Rogério foi encaminhado ao Serviço Social porque ele começou a aparecer na escola com doces, gêneros alimentícios em grande quantidade, oferecendo aos colegas. Prática incomum que despertou o interesse da coordenação, até porque Rogério sempre demonstrou pertencer a uma família simples, com poucas posses, o que inviabilizaria a aquisição desses gêneros. Além disso, Rogério ainda cursava a 3ª. série do Ensino Fundamental, mas ainda não conseguia ler e nem escrever e até para copiar tarefas apresentava muita dificuldade.

Diante das intervenções realizadas, foi possível descobrir que a criança vinha roubando os mercados do município e o que roubava distribuía para os colegas da escola. Além disso, percebeu-se nele uma criança extremamente fragilizada, pela situação de violência doméstica vivenciada.

Rogério reside, desde recém-nascido, na companhia de sua avó paterna, a Sra. Olívia. Sua mãe biológica o abandonou aos cuidados da avó e desapareceu, quando ele tinha poucos dias de vida. O seu pai, o Sr. Luís, conviveu pouco com ele e logo foi para a cidade de São Paulo,

onde trabalha atualmente como metalúrgico. Residem na casa, além de sua avó, com 52 anos, seu tio Francisco, com 22 anos, e o marido de sua avó, Sr. Manoel, com 54 anos.

Em relação à situação de violência doméstica, essa era uma constante na vida de Rogério. Como o caso de Abelardo, narrado acima, Rogério também fora abandonado pela mãe biológica desde a infância. O pai, Sr. Luis, com o qual conviveu apenas pouco tempo, apresentava uma relação distante com o filho. O fato de residir em São Paulo, fundamentado numa relação de pouco contato, fazia com que essa distância fosse ainda mais acentuada. Raramente o pai ligava para Rogério e só vinha visitá-lo em datas como o Natal ou o Ano Novo. De forma que a criação e a educação dessa criança sempre estiveram a cargo da avó paterna.

Nesse ponto, começou a segunda vitimização da criança, além do abandono dos pais biológicos, exercida pela avó. Rogério sempre se mostrou avesso à escola e sempre preferiu permanecer nas ruas da cidade. Quando cometia esses atos, faltando à aula ou então perambulando pelas ruas mesmo depois da volta da escola, chegava a retornar para a sua casa somente na madrugada. Quando retornava, via de regra, era agredido pela avó. As agressões físicas foram tão severas que ele chegou a ser recolhido, durante três meses, em um abrigo, uma instituição local. O que resultou no abrigo de Rogério deveu-se a uma situação em que, após uma dessas saídas pela cidade, quando retornou, a avó o agrediu com uma vara de árvore. Depois de ter batido na criança, passou-lhe uma água de sal e o vestiu com uma blusa de moletom. Naquela ocasião, dias de muito calor, Rogério foi com a mesma blusa para a escola. Ao ser questionado sobre o fato de estar usando a blusa de moletom, mostrou as marcas e, por causa disso, o Conselho Tutelar foi acionado. Tal situação foi retomada durante a realização da entrevista com Rogério.

Rogério ainda vivenciou uma situação atípica resultante da negligência da Sra. Olívia. Constava que a avó não gostava de buscá-lo na escola; ela mesma declarou isso, em entrevista, conforme consta em diário de campo. Por conta disso, um senhor da cidade, com cerca de 70 anos, passou a fazê-lo. Esse senhor levava o menino para sua casa, servia-lhe almoço e o auxiliava com as tarefas escolares. Depois, o levava até a casa de sua avó. Entretanto, o referido senhor, teria tentado manter relações sexuais com Rogério, mas o menino teria conseguido fugir a tempo. Aliás, até o presente momento, o caso em questão está em julgamento.

## **2.O Desenvolvimento do Psiquismo Humano e a Construção de Sentidos sobre a Violência Doméstica:**

Para compreender como se dá a elaboração de sentidos sobre os fenômenos que envolvem o fazer do homem é preciso que se compreenda como se dá seu desenvolvimento psíquico. Leontiev, Vigotski e Luria discutiram amplamente a questão do desenvolvimento psíquico, recorrendo entretanto a tradição marxiana<sup>4</sup>. Compreenderam que o conhecimento do homem é algo socialmente produzido, acumulado durante as gerações e transmitido aos seres humanos. E mais, que esse conhecimento vem no sentido de definir o psiquismo do homem.

A seguir serão tecidas considerações acerca das contribuições dessa corrente na compreensão do psiquismo humano e de como essa “teoria” pode ser basal na compreensão da violência

---

<sup>4</sup> Lev Semyonovich Vygotski, Alexander Romanovich Luria e Alex N. Leontiev desenvolveram seus trabalhos na Rússia pós revolução de 1917, pautados na teoria marxiana. Propunham concepções da psicologia e do desenvolvimento do ser humano, tomando como referência a obra de Karl Marx.

doméstica. Areladas a tais considerações serão destacadas as falas das crianças obtidas durante a realização da entrevista e conforme já fora explicitado acima.

## **2.1 Atividade Humana, Objetivação e Apropriação enquanto Fundantes do Psiquismo Humano:**

Para compreender o psiquismo humano, dentro da perspectiva de estudo adotada, é primordial compreender o conceito de atividade. A atividade deve ser compreendida com uma ação desempenhada pelo homem em busca de satisfazer uma determinada necessidade (LEONTIEV,1978a).

É a necessidade humana que faz com que o homem desempenhe determinadas atividades. Ao desempenhar essas atividades ele busca contemplar suas necessidades. O homem é assim levado a desempenhar determinadas ações, determinadas atividades na consecução de seus objetivos, seus intentos. Do que pode-se concluir assim que a atividade é um processo que sempre provém da condição concreta, de vida real dos homens sobre o mundo e que apesar de influenciada por motivos biológicos, esses não são seus principais influenciadores (LURIA, 1991).

Ao passo que a atividade se dá quando o homem desempenha uma ação, ele estabelece uma relação com um objeto ou com outros homens. Isso torna possível que se compreenda o processo de objetivação humana, bem como a apropriação, processos que foram apontados por Leontiev (1978b) com fundantes do psiquismo humano.

Destarte, a objetivação humana se dá cada vez que o ser humano desempenha uma atividade vital e que, por conta disso estabelece contato com outros homens e com os objetos. A objetivação proporciona que o homem se aproprie do conhecimento produzido e que tenha seu psiquismo formado. De forma que, na relação estabelecida com o objeto, em decorrência da atividade desempenhada, tanto esse é modificado, quanto o homem se modifica. O mesmo aplica-se na relação estabelecida entre os homens, em suas relações sociais. De maneira que, a objetivação não se dá apenas por meio do contato do homem com os objetos, mas com a relação estabelecida com outros seres humanos.

Ao agir sobre o mundo exterior o modificam; com ele se modificam também a si mesmos. Por isso o que os homens são está determinado por sua atividade, a qual está condicionada pelo nível já alcançado no desenvolvimento de seus meios e formas de organização (LEONTIEV, 1978a,p. 21, *tradução nossa*)<sup>5</sup>

A atividade humana não transforma apenas o objeto sob o qual se incide a ação, mas, sobretudo transforma o homem que a executa, o homem “objetiva-se” e modifica-se durante o desempenho das atividades.

A objetivação é um processo dialético e que “proporciona” a apropriação por parte do ser humano. A apropriação é entendida enquanto:

“... um processo que tem por resultado a reprodução pelo indivíduo de caracteres, faculdades e modos de comportamento humanos formados historicamente. Por

---

<sup>5</sup> LEONTIEV (1978a: 22)Al influir sobre el mundo exterior lo modifican; con ello se modifican también a si mismos. Por eso lo que los hombres son está determinado por su actividade, la que está condicionada por el nivel ya alcanzado en el desarrollo de sus medios y formas de organizacion

outros termos, e o processo graças ao qual se produz na criança o que, no animal, é devido à hereditariedade: a transmissão ao indivíduo das aquisições do desenvolvimento da espécie” (Leontiev, 1978b, p. 320).

A partir desta colocação de Leontiev (1978b) pode-se compreender a apropriação enquanto um processo ativo a medida que provém do desempenhar de das atividades visando a satisfação das necessidades humanas. Esse processo ativo proporciona assim a “reprodução pelo indivíduo de caracteres, faculdades e modos de comportamentos humanos formados historicamente”. Não é um processo passivo, que não provoca mudanças junto ao ser humano, antes reproduz no ser humano o saber acumulado durante as gerações.

Esse processo é tão ativo que pode ser compreendido como um constante devir do ser humano. À medida que o homem se apropria de determinado conhecimento, isto desenvolve sua capacidade de superar este conhecimento. A necessidade humana e sua satisfação nos termos de Leontiev (1978b) ocasiona outras necessidades, caracterizando assim a apropriação como um processo ativo e que provém basicamente da realidade social. Necessidade que resulta em uma especialização dos “caracteres, faculdades e modos de comportamentos humanos formados historicamente”.

Pode-se ainda, partindo do texto acima destacado, inferir que a apropriação é também um processo em que se dá a acumulação do conhecimento produzido ao longo do processo de evolução do gênero humano. Apesar de o homem não utilizar, a todo o momento, o conhecimento geral da humanidade, ele se apropria desse conhecimento. Leontiev, em diversas ocasiões, coloca em relevo esse aspecto do processo de apropriação, pelo qual o homem se apropria da cultura humana, que, inclusive, fora formada ao longo do desenvolvimento histórico-social da humanidade. Assim, é o resultado da experiência histórico-social da humanidade, do desenvolvimento de muitas gerações (LEONTIEV, 1978b).

Decorre assim que a apropriação é uma experiência em que o ser humano recebe o conhecimento produzido historicamente, produzido pelo gênero humano, mas é também um processo individual, ao qual todo ser humano está submetido e precisa vivenciar para garantir sua sobrevivência no mundo.

A objetivação e a apropriação, segundo Leontiev (1978b), são processos mediados. A mediação é um processo de transmissão da cultura realizado pela relação estabelecida entre o adulto e a criança, para quem transmite o conhecimento acumulado, e a criança e os objetos.

Com efeito, é através desse processo que combina a objetivação, a apropriação e a mediação que o psiquismo vai sendo construído. Segundo Leontiev (1978b), por meio desse processo ativo, o conhecimento genérico, que fora construído social e historicamente, é apreendido pelos seres humanos. Trata-se de um conhecimento que se origina na práxis, que advém dela e que forma assim a consciência ou, em outras palavras, “[...] a consciência do homem depende do seu modo de vida humano, da sua existência” (LEONTIEV, 1978b, p.92).

A linguagem, portanto, permeia todo esse processo, de objetivação e apropriação, e estabelece a possibilidade de mediação. É através da linguagem que o homem transmite a experiência social acumulada a outras gerações, já que lhes repassa os “sentidos” e os “significados” dos conceitos dos objetos e fenômenos. Aliás, Vigotski (1991) ressalta que é por meio de uma relação estabelecida entre o pensamento e a linguagem que se forma a consciência, o psiquismo e que, a linguagem, através da comunicação, que seria sua função basilar, transmite

os “conhecimentos” necessários ao ser humano, os quais, segundo Vigotski (1991), são extraídos da realidade social<sup>6</sup>.

A linguagem adentra em toda a consciência do homem, colabora no sentido de reorganizar e orientar sua percepção do mundo que o cerca, reorganizando assim a sua percepção sobre o mundo. Ela influencia essencialmente a vivência emocional do ser humano e assim sendo permite que, através de sua relação com o pensamento “[...] formem-se no homem vivências e demorados estados-de-espírito que vão muito além dos limites das reações afetivas imediatas e são inseparáveis do seu pensamento, que se processa com a participação imediata da linguagem” (LURIA, 1991a,p.83).

Ao passo que a linguagem permite ainda “designar os objetos”, e “destacar suas propriedades genéricas” e que essas informações são transmitidas ao cérebro, tornando-se possível que a atenção humana se volte a aspectos específicos, se concentre em determinadas particularidades dos objetos. Isto é um avanço a condição humana, ou seja, esta capacidade de direcionar a atenção e que, por sua vez, resulta na capacidade humana de memorizar as informações sobre o objeto em questão ou mesmo sobre as relações sociais.

[...] a linguagem permite discriminar esses objetos, dirigir a atenção para eles e conservá-los na memória. Resulta daí que o homem está em condições de lidar com os objetos do mundo exterior inclusive quando eles estão ausentes [...] a linguagem duplica o mundo perceptível, permite observar a informação recebida do mundo externo e cria um mundo de imagens interiores. Percebe-se facilmente que a importância tem o surgimento desse mundo “interior” de imagens, que surge com base na linguagem e pode ser usado pelo homem em sua atividade (LURIA, 1991a, p. 80).

A memória é assim compreendida como a capacidade humana que o cérebro adquiriu durante o desenvolvimento do gênero humano e permite ao homem registrar aspectos significativos da vida humana. A memória só se desenvolve a partir da linguagem, das formas de comunicação que permitam ao homem atribuir sentidos e significados aos objetos e ao mundo circundante. É assim que a informação recebida do mundo externo pode ser assim conservada no mundo interno, no psiquismo humano em decorrência da memória, de forma que:

[...] entendemos por memória o registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior, registro esse que dá ao homem a possibilidade de acumular informação e operar com os vestígios da experiência anterior após o desaparecimento dos fenômenos que provocam tais vestígios (LURIA,1991c, p.39).

Caso o homem não possuísse essa capacidade não teria condições de se lembrar dos acontecimentos de sua vida, desde os mais complexos aos mais simples. A memória é assim resultado do processo de desenvolvimento do gênero humano e da interação do homem com o meio social. E, apesar de haver a presença dos processos fisiológicos que proporcionam ao cérebro a memorização, esse é um processo essencialmente social, tendo em vista que provém do surgimento da linguagem e das formas de comunicação entre os homens, e de sua consequente ampliação durante o desenvolvimento humano.

É assim que, o psiquismo do ser humano vai sendo formado, vai se desenvolvendo, ou seja, por meio dos processos de apropriação e objetivação e que ocorrerem cada vez que o ser humano desempenha uma atividade vital. Processos que são mediados pela linguagem, pelas sensações e que colaboram no sentido de fundar a memória humana.

---

<sup>6</sup> Serão conservados o ano de edição da obras consultadas e não o ano em que foi publicada pela primeira versão pelo autor. Este critério foi utilizado com relação as demais obras consultadas na elaboração deste estudo.

Para que seja possível uma compreensão mais profunda sobre a importância dessa forma de conceber o psiquismo humano, e dando seguimento as colocações aqui arroladas, a seguir serão destacadas parte das postulações dessa corrente em relação ao desenvolvimento infantil.

## **2.2 A Formação Psíquica da Criança:**

Partindo do que já fora destacado acima, a criança tem seu psiquismo fundado por meio dos processos de apropriação e objetivação da cultura. É assim que a criança vai se apropriando do conhecimento produzido pelo gênero humano e vai adentrando na sociedade na qual está inserida. Assim, cada vez que a criança desempenha uma atividade, visando ter uma necessidade atendida ela vai tomando contato com o mundo circundante. Vai assim, se objetivando através de suas relações estabelecidas e ainda vai se apropriando do conhecimento produzido pelo gênero humano. De modo que, a criança pequena tem seu psiquismo formado através de sua atividade, por meio de sua relação estabelecida durante o desempenho dessa atividade com o meio circundante e por meio da mediação do adulto.

Em relação a compreensão do psiquismo infantil Leontiev (1988,1978b) elaborou o conceito compreendido como “atividade principal” ou “atividade dominante”. Serão assim destacadas as principais tipificações acerca da atividade principal da criança, indicando ainda a importância dos motivos que orientam a ação da criança e a importância da atividade principal ou dominante no intento de colaborar para a formação de sentido e significação por parte da criança.

A atividade principal ou dominante seria nos termos desse autor aquela que definirá substancialmente o psiquismo da criança, ou seja, seria aquela mais influente nesse sentido<sup>7</sup>.

Segundo ele, a atividade principal está totalmente relacionada a situação concreta que a criança vivencia durante o seu desenvolvimento. Nesse sentido as mudanças ocorridas ao redor da criança vem a influenciar substancialmente sua atividade, definindo aquela compreendida como principal. As necessidades mudam e muda também a atividade principal. Do que pode-se concluir como primordial atributo da atividade principal é o fato dela provir essencialmente da condição concreta de vida da criança e de estar subjugada assim a todas as mudanças que ocorrerem nesse sentido.

O que determina diretamente o desenvolvimento da psique de uma criança é a sua própria vida e o desenvolvimento dos processos reais desta vida – em outras palavras: o desenvolvimento da atividade da criança, quer a atividade aparente quer a atividade interna. Mas seu desenvolvimento, por sua vez, depende de suas condições reais de vida (LEONTIEV, 1988, P.63).

Com as alterações da realidade vivenciada pela criança, suas relações sociais também são alteradas significativamente. As exigências feitas a criança pequena em sua vida pré-escolar e da criança já incluída na fase escolar figuram como exemplo desse tipo de relação. A criança pré-escolar possui uma cerca de atributos, de atos com as quais se ocupa. Já a criança que está em idade escolar, possui outras responsabilidades. De maneira que, sua família, os membros de sua organização familiar passam a gerir sua rotina considerando também os horários da criança frequentar a escola, dentre outras situações. Isso faz com que a criança estabeleça também outras relações com o mundo que a cerca, e mais, a criança passa a perceber que seu

---

<sup>7</sup> Será utilizado termo atividade principal no decorrer do trabalho.



“papel” dentro da organização familiar foi alterado. Nisso, não apenas as atividades que precisa desempenhar mudam, mas também a forma de se relacionar com as pessoas que a cercam. De maneira que, isso opera mudanças na atividade da criança.

A atividade principal é assim compreendida como resultante das necessidades que provém das condições concretas de vida da criança, em seus diversos períodos de desenvolvimento e de sua conseqüente relação estabelecida com o mundo, incluso assim o manuseio dos objetos e as relações com outros seres humanos (LEONTIEV, 1988).

Há assim diversos estágios de desenvolvimento, sendo que para cada qual corresponde um determinado tipo de atividade principal. Assim o desenvolvimento sempre irá provir da atividade principal e, por conseguinte da relação estabelecida com a realidade da criança, ou melhor, dizendo:

Podemos dizer igualmente que cada estágio do desenvolvimento psíquico é caracterizado por um certo tipo de relações da criança com a realidade, dominantes numa dada etapa e determinados pelo tipo de actividade que é então dominante para ela (LEONTIEV, 1978b, p. 292).

Durante a atividade principal os processos psíquicos da criança vão sendo reorganizados, reconstruídos. Isso porque com o surgimento de novas necessidades, de outras atividades, o contato da criança com o mundo provoca alterações em seu psiquismo, em sua forma de compreender o mundo, de se objetivar e se apropriar dele. Colabora assim na formação da personalidade da criança. Esses conhecimentos, resultantes das necessidades da criança vão sendo apreendidos por ela e vem a se constituir em material importante de sua consciência sobre si mesmo e sobre os outros (LEONTIEV, 1988).

Tomando como referência as colocações de Leontiev (1988) e estabelecendo-se uma relação com as crianças sujeitos da pesquisa é possível perceber que a atividade de ambos está totalmente imbricada pela vivência da violência doméstica. Assim, tanto Abelardo quanto Rogério, em sua existência concreta, em sua relação com o mundo circundante estão sendo submetidos a violência física, negligência e psicológica.

A partir da necessidade de se “comportar” na sala de aula posta a Abelardo, seu pai e sua avó se percebiam no direito de agredi-lo, ou seja, para que ele se comportasse na escola, algo que era esperado da criança, se valiam do uso da força física, da negligência e da violência psicológica. Nesse sentido, se viam no direito de deixar a criança trancada no quarto, sem comer, e sobretudo de agredi-lo, chegando até a colocar anéis nas mãos para que a criança sentisse dor. Aliás a vivência da violência na vida de Abelardo se manifesta desde o abandono da mãe biológica e de uma aparente indiferença por parte do pai da criança e uma total negligência da avó em relação aos atendimentos psicológicos e neurológicos de que a criança necessitava. Assim, toda a atividade dessa criança, sua relação estabelecida com o mundo está permeada pela violência doméstica.

O mesmo se aplica com Rogério. Ele também fora abandonado pela mãe e possui uma relação “distante” com o pai biológico. A avó, que assumiu os cuidados pela criança o colocou em contato com a violência doméstica, agredindo-o fisicamente, até com o uso de varas, quando chega tarde em casa, obrigando-o a fazer faxina durante a madrugada e expondo a criança ao contato com adulto que não conhecia chegando a submetê-lo a uma situação vexatória, uma tentativa de violência sexual.

Ao passo que Abelardo era agressivo e indesejado na escola, já que agredia outros colegas e até os professores, Rogério se manifesta tímido ao extremo, mas cometeu alguns atos infracionais. Ambos não conseguem dominar a leitura nem a escrita. Mas, o que eles possuem de comum é a vivência da violência doméstica, quase que constante. Aliás, a realidade concreta, as necessidades dessas crianças as colocaram frente a adultos agressivos e os submeteram a vivência da violência doméstica.

É Por meio da atividade a criança consegue assim atribuir sentidos e significação aos fenômenos com os quais estabeleceu contato.

A significação seria segundo Leontiev (1978b) uma generalização sobre a realidade. Está composta por uma série de informações que a criança abstrai do mundo que a cerca, com o qual tem contato desde o nascimento. A significação colabora no sentido de proporcionar a criança a apreensão do conhecimento produzido pela humanidade, ou melhor dizendo:

[...] a significação é, entrada na minha consciência (mais ou menos plenamente e sob todos os seus aspectos), do reflexo generalizado da realidade elaborado pela humanidade e fixado sob forma de conceitos, de um saber mesmo ou de um saber-fazer (modo de acção generalizado, norma de comportamento, etc.) (LEONTIEV, 1978b, p.96)

Já o sentido, possui uma relação muito estreita com a significação. O sentido é, entretanto, pessoal. Assim cada significação abstraída pela criança possuirá para ela um sentido individual, pessoal. Portanto, “Trata-se aqui da conscientização, isto é, do sentido individual que para a criança toma um dado fenômeno, e não do conhecimento que ela tem deste fenômeno” (LEONTIEV, 1978b, p.302).

A atividade e sobretudo a atividade principal coloca a criança frente a um mundo novo e cheio de possibilidades. É assim que a criança vai a cada dia, a cada relação com o mundo impulsionando o seu desenvolvimento e vai assim atribuindo sentido e significados a realidade circundante. Nesse processo, a atividade da criança a coloca em contato permanente com outros adultos, que mediam seu conhecimento.

Nessa relação de mediação é de vital importância o contato da criança com o adulto. A criança aprende com aquele que é mais experiente do que ela sobre tudo que a rodeia, sobre o meio social no qual está inserida e sobre os objetos. De maneira que: “Desde o nascimento, a criança é rodeada por um mundo objectivo, criado pelo homem; são os objetos correntes, as roupas, os instrumentos mais simples, a língua e as concepções, as noções, as idéias que o reflectem” (LEONTIEV, 1978b, p119-120).

A criança é consequentemente dependente do adulto que, não garante apenas a transmissão da cultura, do conhecimento, mas garante inclusive a sua sobrevivência, atendendo necessidades de subsistência que a criança por sua condição biológica momentânea não consegue ainda contemplar.

Nos primeiros anos de vida a criança precisa do adulto essencialmente para tudo que pretende desempenhar de modo que este pode ser compreendido como o “mundo da criança”. Durante o período pré-escolar a criança apresenta quase que total dependência ao núcleo familiar. Esta dependência se dá em virtude do círculo de pessoas com as quais a criança possui contato não ser ainda tão amplo.

A criança sente a sua dependência para com as pessoas com quem está directamente em contacto; deve contar com as exigências que aqueles que a rodeiam impõem a sua conduta, pois é isso que determina, de facto, as suas relações íntimas, pessoais com elas. Destas relações dependem não apenas os seus sucessos e os seus fracassos, mas são elas que encerram igualmente as suas alegrias e as suas penas, são elas que têm valor de motivo (LEONTIEV, 1978b, p. 283)

Assim, a mediação do adulto é algo que vem no sentido de definir o psiquismo da criança. Tanto que o motivo de suas ações passa a ser, muitas vezes, a satisfação do adulto. Nesse sentido, a criança também busca através de suas ações contemplar também as necessidades que o adulto, mediador lhes apresenta (LEONTEIV, 1978b).

Nesse processo, a mediação proporciona a criança a apropriação da linguagem, a formação dos conceitos e sua conservação na memória.

A linguagem tem substancial importância no desenvolvimento psíquico. Segundo Leontiev (1978b), a linguagem influencia substancialmente o desenvolvimento psíquico da criança.

Nesse sentido, quando Abelardo foi chamado pelo pai de “filho do cão”, ou então quando sua avó referia-se a ele como “maluco” ou que necessitava de um “médico de cabeça” ou então ainda quando a avó dizia que era melhor que o Assistente Social levasse “..ele para a sua casa ué” ou mesmo que “Abelardinho podia estar morto” e em relação a essa possibilidade argumentava que “fazer o que né, ninguém fica pra semente”, não foram palavras sem sentido. Ou seja, essas palavras, essa linguagem colabora no sentido de construção psíquica da criança, pois transmite conceitos, “conceitos cotidianos”, à criança e colabora na atribuição de sentidos pela criança.

Rogério também vivenciou tal situação. A avó o descrevia com “fraco da cabeça”, além de dizer que a criança era um “safado” e “igual a mãe”(biológica). Mas a expressão da violência doméstica por meio da linguagem chegou ao ponto de avó dizer na frente da criança que queria devolvê-lo ao pai, mas o pai teria se negado em receber o filho. Rogério, assim como Abelardo se apropriou dessa linguagem e ela serviu de material para a formação psíquica da criança.

Recorrendo as informações que chegam ao cérebro, por meio da linguagem e da memória, a criança passa a desenvolver capacidade de construir sentidos e significados sobre as situações que envolvem sua vida, sua existência. O adulto é portanto, de vital importância. Foi assim que Abelardo e Rogério construíram os sentidos sobre a violência doméstica a que foram submetidos. Na construção de tais sentidos foi de vital importância o papel da linguagem e também da memória das crianças, fazendo com que esse conhecimento fosse apropriado por elas.

Os relatos de Abelardo durante as entrevistas fizeram perceber como elas eram normais, corriqueiras, em seu cotidiano. A criança narrava os fatos como se contasse qualquer outro acontecimento que houvesse vivenciado, como o fato de andar de bicicleta, por exemplo. Esse fenômeno que aqui se convencionou chamar pela terminologia “naturalização” da violência corresponde a um resultado, por se dizer, da vivência desse tipo de prática pela criança e faz referência a uma percepção da mesma como algo natural do modo de organização familiar.

Isso posto, quando perguntado sobre o que aconteceu após a briga na escola, quando chegou a sua casa, Abelardo apenas respondeu: “*Aí meu pai me bateu e foi só*” – e isso ainda é

reforçado na seqüência da entrevista em que Abelardo externou essa fala. Ao ser questionado sobre a possibilidade de seu pai ter apanhado na infância, a criança declara que sim, e que seu pai apanhou até das professoras. Quando questionado se isso de apanhar das professoras também já havia acontecido com ele, Abelardo responde: “*Não, acha tia, eu só apanho em casa*”, fazendo alusão, mais uma vez, a uma prática comum no ambiente doméstico e apenas nesse espaço.

Em outro momento da entrevista, Abelardo manifesta essa questão da “naturalização” da violência com mais ênfase ainda. Inicialmente, ao ser indagado sobre sua volta para a casa, após ter faltado à aula para andar de bicicleta, Abelardo responde: “*Aí, quando eu cheguei em casa, eu apanhei*”, prática igualmente comum, quando a criança chega em casa após o horário acertado pelo pai. Quanto a isso, Abelardo diz que, sempre que chega após o horário estabelecido, apanha de seu pai. Afirma: “*Aí ele me bate*”. Ao ser questionado como foi que apanhou, a criança diz: “*Bateu batendo, ué*”, complementando, em um trecho seguinte: “*Bate de mão mesmo*”. Assim, como se estivesse dizendo “bateu como sempre bate, como faz normalmente”. Além disso, como se o fato de “*bater com a mão*” não representasse uma prática tão agressiva – e talvez para Abelardo não seja mesmo, diante de ter que ficar sem comer, de ser agredido com varas de árvore etc.

O mesmo se aplica ao ser questionado sobre situações anteriores em que ficava sem comer, por parte de sua avó, como uma forma de castigo; questionado se não se sentia mal, inclusive organicamente, Abelardo responde: “*Eu não, já acostumei*”, reforçando a idéia de que a criança já se “habitou” com esse tipo de prática e que até organicamente já não sente mais os seus impactos, como o caso de ficar sem alimentar-se. A violência manifesta assim uma face mais perversa, visto que chegou até a condicionar o físico da criança.

Rogério também expressa em suas falas o quão as ocorrências da violência doméstica tornaram-se “naturais”. Durante a realização da entrevista foi possível perceber tal tendência. Rogério narra os fatos vividos com certa naturalidade. Ele conta que, quando retornou da rua, precisou fazer faxina na casa toda, enquanto todos os outros membros dormiam, inclusive sua avó. Porém, aspecto curioso, todas as vezes que desaparecia, na sua volta, antes de qualquer coisa, sua avó o mandava tomar banho. Depois disso, definia pela surra ou pela faxina. A faxina passou a ser utilizada pela avó após ter tido a guarda, destituída por certo período, em decorrência de ter agredido fisicamente o neto. É o próprio Rogério quem diz que, numa ocasião em que a faxina foi escolhida como punição, a avó primeiro o mandou tomar banho e só depois disso é que ele acabou de fazer a faxina. A faxina consistia em limpar todos os cômodos da casa, e, inclusive lavar a roupa suja, durante a noite. Na seqüência da entrevista, solicitadas mais informações sobre o fato ocorrido, o menino relata que permaneceu na faxina a noite toda ou, como ele disse, “até amanhecer”. A narração desse fato por parte da criança é que chama a atenção. Rogério contava essa histórica como se estivesse falando de algum desenho a que assistiu ou algum fato corriqueiro de sua vida cotidiana, o que parece ser, realmente.

Isso também se aplica quando essa criança é questionada sobre as agressões físicas vivenciadas após o retorno para a casa. Simplesmente, Rogério diz: “*Ah, tia! Você sabe, né? Bater, ela já bateu sim, né?*”, indicando também uma aparente indiferença com a situação que vivenciou. Como se dissesse: claro que ela bateu, ela sempre bate. Reforçando essa colocação, quando, ao ser questionado sobre a forma da agressão, se a avó usava cinta para agredi-lo, Rogério diz: “*Não, né? Só de vara mesmo*”, como se isso não fosse considerado agressão, e demonstrando

que o “apanhar de vara” figura como uma prática usual e corriqueira, para a qual a criança não demonstrou quase que nenhum estranhamento.

Além disso, Abelardo e Rogério demonstram perceber que as situações de violência doméstica a que são submetidos, são na verdade uma maneira de educação, para que futuramente se tornem “pessoas boas”.

Abelardo demonstra, pois, compreender que a violência a que foi submetido é apenas uma forma correta de educação, de sorte que, ao ser questionado sobre o entendimento possuído sobre a agressão vivenciada, ao ser indagado se tal prática era correta, diz que “é... *porque eu apanho, quando eu apanho é certo, né*”. E ainda completa: “*Porque eu bagunço, eles têm que me bater...*” Em outra entrevista, quando a pergunta foi refeita, Abelardo novamente declarou que o fato de sua avó tê-lo agredido estaria correto, salientando que isso se dava “*porque eu bagunço... eu apronto... ué e ela tem que me corrigir*”, o que reforça, em outro trecho, desta vez em relação à agressão perpetrada por parte de seu pai, quando a criança enfatiza: “*Tá, né... é pra educar, porque é errado, né, chegar tarde e tal*”.

Tendência também presente nas colocações de Rogério. Rogério compreende que os atos são utilizados pela avó, de obrigá-lo a fazer faxina e de agredi-lo fisicamente, como uma forma de educação. Ao ser questionado sobre como percebia os mesmos, ou perguntado “sobre o que achava disso”, inicialmente, Rogério titubeou. Apesar de declarar em trechos da entrevista que não gosta de apanhar, que é ruim, o entrevistado referiu-se do seguinte modo: “*É eu acho certo, tia, porque ela só está me educando*”, e ainda complementa: “*é para eu não fazer de novo, sabe?*”.

A situação concreta de Abelardo e de Rogério, ou seja, sua vida real, fez com que eles elaborassem os sentidos sobre a violência doméstica descritos acima. Nesse processo foi de vital importância a mediação do adulto, no caso o pai e a avó de Abelardo e a avó de Rogério. Mais que a construção dos sentidos sobre a violência doméstica, as crianças estão tendo o seu desenvolvimento e seu psiquismo condicionados por tal vivência.

Assim, ousa-se inferir que, o psiquismo da criança é forjado num processo ativo de objetivação e apropriação onde a linguagem assume um papel de relevância. É assim que as experiências vivenciadas pela criança vão sendo armazenadas, registradas e ajudam a compor a sua subjetividade, sua “consciência”, seu psiquismo. No caso em questão, a criança acostumada desde a idade pequena a ser vitimizada, irá compor sua memória a partir dessas experiências e dessa maneira sua subjetividade irá sendo constituída. Será inclusive sob as premissas dessas influências que a criança irá elaborar suas perspectivas de vida futura.

### **Considerações Finais:**

Sabe-se que é por meio de uma relação estabelecida com o mundo, especificamente com os objetos e com as pessoas que o ser humano vai se apropriando da cultura socialmente produzida (LEONTIEV, 1978b). A apropriação da cultura se faz por meio dessa relação estabelecida cada vez que o ser humano desempenha determinadas atividades. No caso da criança, sua relação com o mundo da cultura é totalmente mediada pelo seu contato com os objetos e com o adultos que a cercam.

A criança, durante o desempenho de suas atividades passa assim a conhecer o mundo que a cerca. Conforme já dito nesse texto recorrendo a Leontiev (1978b) a criança, mesmo que

pequena, percebe a sua relação com o adulto e logo que sua capacidade de compreender o mundo que a cerca vai se desenvolvendo, ela também consegue compreender a sua relação de dependência para com o adulto. Dessa maneira, recorrendo a essa forma de compreender o desenvolvimento infantil, é possível concluir que Rogério e Abelardo também já compreenderam sua relação com as avós, relação que é também de dependência e que é sobretudo condicionada pela violência doméstica.

Nesse processo de desenvolvimento das atividades e especificamente em relação a atividade principal se faz importante a mediação do adulto, em relação a criança, no sentido de transmissão da cultura. A compreensão dessa relação estabelecida entre o adulto e a criança são importantes no sentido da apropriação da cultura e da elaboração por parte da criança de conceitos e sentidos. Os sentidos, por sua vez segundo Leontiev (1978a), são considerações que a criança elabora partindo de sua percepção em relação ao mundo dos objetos e das relações sociais. Ambos indicam tanto em relação a elaboração dos conceitos, como no que tange ao sentidos, pela criança, que é de suma importância o papel do adulto, como mediador.

Em uma cultura violenta, como a que Rogério e Abelardo foram criados, o adulto também possui grande importância. Foi através dessa relação que Rogério e Abelardo estabeleceram com suas avós que eles elaboraram os conceitos ou sentidos aqui descritos acerca da violência doméstica. Foi em virtude da vivência, de da condição concreta que Rogério e Abelardo passaram a compreender a violência que como algo natural, como algo que é merecido e ainda como uma forma de educação.

E mais ainda, a concepção que Rogério e Abelardo verbalizam provém de uma série de situações que as crianças vivenciaram em sua relação familiar. Situações que Rogério e Abelardo conseguiram armazenar em sua memória e que permitem a eles, inclusive recorrer a tais informações quando verbalizam os conceitos sobre a violência conforme fora aqui destacado.

### **Referências Bibliográficas:**

LEONTIEV, A.N. **Actividad, Conciencia y Personalidad**. Buenos Aires: Ciências Del Hombre, 1978a.

LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizontes, 1978b.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil *In* VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral. vol. I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

VIGOTSKI, L. S. **La Imaginación y el Arte en la Infancia (ensaio psicológico)** Madrid: Akal, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas.v.I**. Madrid - España: Visor, 1997a.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas.v.II.** Madrid - España: Visor, 1997b.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas.v.III.** Madrid - España: Visor, 2000b.

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.